



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DESIGN-MODA

LEON SOUZA SILVA

***“WE’RE BORN NAKED, AND THE REST IS DRAG”*: VESTIMENTA, CORPO E
PERSONAGEM DAS *DRAG QUEENS* DE FORTALEZA**

FORTALEZA

2017

LEON SOUZA SILVA

***“WE’RE BORN NAKED, AND THE REST IS DRAG”*: VESTIMENTA, CORPO E
PERSONAGEM DAS *DRAG QUEENS* DE FORTALEZA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Design-
Moda sobre vestimenta, corpo e personagem
das *drag queens* de Fortaleza - Ceará.
Orientadora: Profa. Dra. Francisca Raimunda
Nogueira Mendes.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S581w Silva, Leon Souza.
We're born naked, and the rest is drag : vestimento, corpo e personagem das drag queens de Fortaleza /
Leon Souza Silva. – 2017.
43 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e
Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

1. Drag Queen. 2. Corpo. 3. Vestimenta. I. Título.

CDD 791.4

LEON SOUZA SILVA

***“WE’RE BORN NAKED, AND THE REST IS DRAG”*: VESTIMENTA, CORPO E
PERSONAGEM DAS *DRAG QUEENS* DE FORTALEZA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Design-
Moda sobre vestimenta, corpo e personagem
das *drag queens* de Fortaleza - Ceará.
Orientadora: Profa. Dra. Francisca Raimunda
Nogueira Mendes.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Dolores de Brito Mota
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À arte, em todas as suas formas.

Que a censura nunca nos prive de celebrar o que é bonito, o que é estranho, o *queer*, o que não compreendemos e o que ainda desejamos compreender. Que o entendimento de que nunca iremos entender tudo seja nosso guia.

AGRADECIMENTO

O primeiro e mais importante agradecimento que tenho a fazer é a Deus, que sempre esteve ao meu lado durante toda a trajetória dentro do curso de Design-Moda.

À minha mãe Vera, meu pai Francisco Pereira e meu irmão Gustavo, por terem sido os primeiros a acreditarem no meu talento, desde o momento em que eu decidi estudar para me tornar um designer de moda. Meu muito obrigado por estarem comigo nas conquistas e também nas derrotas, sempre me ajudando a comemorá-las ou superá-las.

Às minhas amigas Allyce, Edileuza, Hinara, Karine e Laís, que durante as madrugadas de intensa produção desse texto me enviaram as melhores palavras de motivação que eu poderia receber via *WhatsApp*. Que possamos viver juntos nos próximos anos a transformação de um passado sombrio num futuro brilhante para todos nós.

Às minhas parceiras de curso desde 2013, Marina, Melina, Monique e Thaynnah, pelos desafios enfrentados juntos, pelas conversas durante os engarrafamentos intermináveis da Avenida 13 de Maio que a gente enfrentava nas caronas após o fim das aulas e pelo crescimento e descobertas em conjunto durante esses quatro anos e meio.

Às *drag queens* entrevistadas pelas histórias compartilhadas e fotos cedidas, que enriqueceram cada página desse trabalho. Obrigado pelo tempo cedido e obrigado por continuarem lutando pelos direitos LGBTQs na linha de frente, desafiando o conservadorismo e a carece a cada montagem.

À CAPES que, por meio da bolsa plena de graduação-sanduíche para os Estados Unidos concedida, me permitiu viver experiências que engradeceram essa pesquisa.

E, por fim e não menos importante, à minha orientadora Profa. Dra. Francisca Mendes. Primeiramente pela paciência com meus prazos nem sempre cumpridos, e depois pela prontidão em me atender quando pedi socorro ou desacreditei que esse trabalho seria concluído. Sem suas dicas e notas valiosas essa pesquisa não me causaria tanto orgulho como estou sentindo agora, ao vê-la finalizada.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.”

- Simone de Beauvoir

“If you can't love yourself, how in the hell you gonna love somebody else?”

- RuPaul Charles

RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre a vestimenta e o corpo com a personagem de uma *drag queen*. Seu objetivo principal é entender a influência que a roupa e a produção do corpo durante a montagem das novas *drag queens* de Fortaleza tem sobre as suas personagens, mostrando ainda a ligação entre a vestimenta e o tipo de *drag* de cada uma. A metodologia iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica, que ajudou a construir o referencial teórico dessa pesquisa e depois foram realizadas entrevistas pré-estruturadas com quatro *drag queens* que se encaixavam no perfil desejado. Buscando entender não só roupa e corpo, mas as questões de gênero e o sistema de empréstimo que ocorre entre *drag queens*, esse trabalho traz reflexões para a “cena *drag*” fortalezense atual. Como resultado, é possível perceber que, após um processo de horas se montando, elas escolhem se expressar criando um “*estilo drag*” próprio.

Palavras-chave: *Drag queen*. Corpo. Vestimenta.

ABSTRACT

This work analyzes the relation of clothing and body with the personality of a drag queen. Its main objective is to understand the influence that the garments and the production of the body during the process of getting in drag has over the persona of the new drag queens from Fortaleza - Ceará, also discussing the connection between clothing and the drag style of each one of them. This research was initially based on a bibliographic analysis, which helped to build the theoretical referential of it, and after that pre-structured interviews were conducted with four drag queens that fitted the desired profile. Looking for not only to understand clothing and body itself, but gender issues and the loan system that happen between drag queens, this work bring reflections to the current drag culture of Fortaleza. As a final result, it's possible to observe that after the process of hours to get in drag, they choose to express themselves creating a drag persona of their own.

Keywords: *Drag queen*. Body. Clothing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Duas pessoas em uma: a *drag* RuPaul e o empresário RuPaul Charles.
- Figura 2 - Da esquerda para a direita: Pablo Vittar, Anitta e Diplo.
- Figura 3 - A maquiagem exagerada, inspirada nos palhaços, de Bianca del Rio.
- Figura 4 - As duas faces da *drag queen* Charlotte Killz: boneca e andrógina.
- Figura 5 - A arte fluida e sem barreiras da *drag queen* Jessy Wolf.
- Figura 6 - O estilo excêntrico da *club kid* Yummy Kitsune.
- Figura 7 - A *top-drag* Manylla Ryellon.
- Figura 8 - Aplicação do *padding pirelli* no corpo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA	14
2.1	Tipo de pesquisa	14
2.2	Área de abrangência	14
2.3	Plano de coleta de dados	15
2.4	Categorias analíticas	16
2.5	Tratamento de dados	16
3	MONTAR-SE: O QUE É SER UMA <i>DRAG QUEEN</i>	18
3.1	A importância da roupa no processo de montagem	22
3.2	A diversificação por meio de trocas e empréstimos	25
4	ESTILOS DE DRAG: CLASSIFICANDO A MONTAÇÃO	27
4.1	Produzindo um novo corpo	31
5	CENA <i>DRAG</i> DE FORTALEZA	35
	CONCLUSÃO	41
	REFERÊNCIAS	43

1. INTRODUÇÃO

Drag é um acrônimo para a expressão “*dressed as a girl*”, ou “vestido como uma garota”, em tradução livre. Segundo Jatene (1996), “*drag queens* são homens que se ‘montam’¹ de mulher para encenarem”. Porém, frente a atual expansão da cultura *drag* no mundo, mulheres também já praticam a arte *drag*². Jatene (1996) também frisa que é ao se montar que as *drags* assumem outra personalidade e se transformam em sua personagem. A evidência atual no universo das *drags* vem ocorrendo, principalmente, pelo crescente sucesso do *reality show* norte-americano *RuPaul’s Drag Race*, criado e apresentado pela *drag queen* RuPaul, que já conta com mais de dez temporadas exibidas e outras duas já confirmadas pela emissora *Logo TV*, voltada para o público LGBTQ³.

Dito isso, o objeto de análise nessa pesquisa é a nova geração de *drag queens*, especificamente de Fortaleza, que surgiu por causa do show e se inspira nas estrelas cheias de carisma, singularidade, coragem e talento⁴ descobertas por RuPaul. O foco da análise é o que a roupa utilizada e o corpo que elas produzem agrega nas personagens e no estilo de suas *drags*.

Depois de realizar algumas pesquisas sobre a temática, foi observado que alguns autores, como Vencato (2002 e 2005), Chidiac e Oltramari (2004) e Santos (2013), já escreveram sobre a subcultura *drag*. Enquanto a primeira analisa o processo da montagem em todos os seus aspectos, os dois últimos estudam o híbrido de masculino e feminino que é ser uma *drag queen*. Esses autores têm foco psico-antropológico, o que é um bom alicerce para o referencial teórico dessa pesquisa.

Esse estudo se propõe responder e compreender melhor as seguintes questões: qual o papel da vestimenta no ritual de montagem; como se dá o empréstimo e a troca de

¹ Termo comumente usado no meio LGBTQ que será adotado ao longo desse projeto para representar o processo de caracterização que a *drag queen* passa para construir sua personagem, incluindo roupa, acessórios, enfeites, peruca, maquiagem, dentre outros. Montagem é uma de suas variáveis, definida no dicionário online Caldas Aulete como “processo de vestir-se com roupas alternativas, especialmente em festas e *shows*.” <http://www.aulete.com.br/monta%C3%A7%C3%A3o> (Acesso em 15 de dezembro de 2017).

² Vencato (2000) afirma que a performance das *drag queens* estão relacionadas com as artes cênicas e interpretativas, pois elas dublam, dançam e encenam. Coelho (2009) também se utiliza da expressão “arte drag” na sua pesquisa, embasada nas falas das suas entrevistadas.

³ LGBTQ é a sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Queer. A última letra foi adicionada à sigla em 2015, pela instituição Equality Federation, devido ao crescimento de pessoas dentro da comunidade que se identificam com a não expressão de nenhum dos dois gêneros. https://www.huffingtonpost.com/rebecca-isaacs/why-were-adding-the-q_b_8535208.html (Acesso em 15 de dezembro de 2017).

⁴ Essas são as quatro qualidades observadas por RuPaul para escolher as candidatas à coroa de próxima *drag superstar* americana.

roupas entre as *drags*; como a roupa e o corpo da *drag* definem os estilos de *drag queen* e qual a importância da produção do corpo da *drag* para a sua personagem.

Tendo em vista que esse estudo analisa a relação da vestimenta e do corpo com a personagem das *drags*, ele pode ser utilizado futuramente como base para o desenvolvimento de um novo empreendimento voltado para vestir *drag queens*, um mercado que é pouco explorado e tem muito potencial, devido ao constante fortalecimento da cultura *drag* no Brasil.

Observando a popularização do reality *RuPaul's Drag Race* é possível perceber o reavivamento da cena *drag* de Fortaleza, que teve seu declínio com o fechamento da famosa boate Divine, espaço já explorado e estudado por Coelho (2009) na sua tese de mestrado “Bastidores e estreias: performers trans e boates gays ‘abalando’ a cidade”. Nessa boate, as *drag queens* pioneiras da cidade construíram sua carreira, participando de concursos e performances organizadas pela casa.

Frente a isso, foi notado que havia algo diferente nas montações das novas *drag queens*, comparando-se àquelas que trabalhavam na boate Divine. Foi daí que surgiu a ideia de desenvolver essa pesquisa, para entender esse novo cenário. Além disso, é necessário inserir mais a temática LGBTQ na academia, principalmente por meio de pesquisadores que são participantes da comunidade, como é o meu caso, pois assim nós mesmos estamos contando as nossas histórias e discutindo nossas trajetórias, ao invés de ter outras pessoas fazendo isso em nosso nome.

Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa, quanto a sua natureza, e estudo de campo, quanto aos procedimentos. Foram realizadas entrevistas com quatro *drag queens* selecionadas como amostra desse estudo. As informações foram tratadas por meio de transcrição das entrevistas realizadas e tabulação de versões reduzidas das respostas.

O presente estudo está dividido em cinco capítulos, incluindo introdução, metodologia e conclusão. No terceiro capítulo é discutido o que é ser uma *drag queen*, qual o papel da vestimenta dentro do processo de montagem e, finalizando, como se dá o processo de empréstimos entre as *drags*. No quarto, o assunto principal é como roupa e corpo delimitam as *drags* dentro de estilos específicos, finalizando com o processo de produção do corpo *drag*. O quinto e último capítulo traz uma reflexão sobre a cena *drag* de Fortaleza.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de Pesquisa

O presente estudo pode ser caracterizado, quanto a sua natureza, como qualitativo. Segundo Gil (1987), uma pesquisa qualitativa trabalha com dados subjetivos, crenças, valores, opiniões, fenômenos e hábitos.

Quanto aos procedimentos, podemos definir essa pesquisa como um estudo de campo, pois, tipicamente, esse tipo de estudo se focaliza em determinada comunidade, não necessariamente geográfica, para estudar por meio de observação direta do grupo e de entrevistas com participantes e informantes (Gil, 1987). Essa metodologia será aplicada por meio de entrevistas individuais com as participantes do grupo estudado.

2.2 Área de Abrangência

A área de abrangência dessa pesquisa consiste em uma amostra intencional onde, segundo Gil (1987), “os indivíduos são selecionados com base em certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores e participantes”. Ele ainda conclui dizendo que este modo é o mais adequado para a obtenção de dados de natureza qualitativa.

As características consideradas relevantes para o público estudado nessa presente pesquisa são idade (22 a 25 anos), quantidade de tempo que se monta (dois a quatro anos) e localização (Fortaleza). As duas primeiras características servem como base para delimitar essas “nova geração de *drag queens*”, que são telespectadoras do *reality show* norte-americano *RuPaul’s Drag Race* e, com a popularização do programa, começaram a se montar. A última característica serve apenas para a delimitação geográfica da pesquisa.

A lista a seguir especifica a amostra escolhida, composta por quatro *drag queens*, baseada nos critérios acima, definida como objeto de estudo dessa pesquisa.

Lista: *Drag queens* pertencentes à amostra dessa pesquisa

1. Charlotte Killz, sexo masculino.
2. Yü Kitsune, sexo masculino.
3. Jessy Wolf, sexo feminino.
4. Manylla Ryellon, sexo feminino.

O grupo estudado foi delimitado a essa nova geração do meio *drag* porque por meio do *reality* elas foram encorajadas a valorizar mais a vestimenta, visto que as *drag queens* que competem entre si no programa são julgadas não só pelas suas performances, mas também pelos *looks* que elas levam para apresentar na passarela do programa.

Assim, a vestimenta deixa de ser apenas um “figurino” que deve chamar a atenção do público e agora tem um novo significado para elas: representar conceitos e referências pensadas por elas. O objetivo maior do meu estudo é analisar essa simbologia e relacioná-la com a construção da personagem da *drag queen*.

É também importante realçar a abrangência dos sexos masculino e feminino, demonstrando mais uma mudança trazida pela popularização da arte *drag* entre os jovens. A comunidade *drag* foi, por muitos anos, limitada ao público gay. Com o tempo e a expansão da comunidade LGBTQ pelo mundo, pessoas que se identificam como mulheres também começaram a praticar essa arte. Essas performers são conhecidas como *bio queens*⁵, em tradução livre, *queens* biológicas. Porém, essa “ramificação” criada dentro da comunidade já causa polêmica: há quem questione o termo criado, justificando que uma denominação diferente para *drag queens* mulheres as excluam do resto do grupo.

2.3 Plano de coleta de dados

Segundo Gil (1987), uma pesquisa de campo é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas. No presente trabalho, os dados foram coletados por meio de entrevistas pré-estruturadas.

A entrevista pré-estruturada é uma entrevista guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso (GIL, 1987). Foram definidas dez perguntas-base para colher os dados apresentados na pesquisa, conforme pode ser observado no guia de entrevista em anexo (apêndice A).

A primeira pergunta apenas o objetivo de identificação e as outras nove buscam explorar os temas que esse trabalho propõe e responder as perguntas que ele levanta. As entrevistas foram realizadas em Fortaleza - CE, com a amostra escolhida das *drag queens*. Elas foram selecionadas por representarem uma diversidade entre si de estética, estilos, idade e tempo de montagem, objetivando uma maior pluralidade nas informações colhidas.

⁵ *Bio queen* ou *faux queen* é o modo que são chamadas mulheres que são *drag queens*, dentro da comunidade LGBTQ.

2.4 Categorias analíticas

As categorias analíticas são classes nas quais se reúnem um grupo de elementos, muitas vezes sob um título genérico, efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (Bardin, 2009).

Para essa pesquisa foram escolhidas as palavras: *drag queen*, artista que se utiliza de elementos culturalmente considerados femininos para representar de forma exagerada e caricata o papel social do gênero feminino; vestimenta, conjunto de peças de roupa utilizadas para cobrir o corpo; personagem, conjunto de símbolos e linguagens construídos por um interlocutor a fim de construir um ser fictício.

2.5 Tratamento de dados

Gil (1987) aponta que, diferentemente dos levantamentos e dos estudos experimentais, os estudos de campo não conduzem a relatórios padronizados e que o pesquisador dispõe de muito mais liberdade para apresentar seus resultados.

Nesse estudo, as respostas das entrevistas pré-estruturadas foram transcritas e adicionadas de forma reduzida a uma tabela (abaixo), para serem comparadas entre si. Esses dados foram, então, confrontados com o embasamento teórico que está sendo utilizado nesse estudo.

Tabela 1: tabulação das respostas das entrevistas realizadas, de forma reduzida.

Pergunta/Drag	Charlotte Killz	Manylla Ryellon	Yummy Kitsune	Jessy Wolf
1	Neto Fabrini, 22 anos, faz drag a 4 anos.	Raphael Lessa, 25 anos, faz drag a 4 anos.	Rafael Souza, 22 anos, faz drag a 2 anos.	Mariana Silveira, 24 anos, faz drag a 2 anos.
2	Pensando no look, local e conforto.	Pensando no público, quais os desejos dele.	Definindo estética, conceito e pesquisando referências.	Pesquisa de inspirações.
3	A roupa que você veste diz quem você é.	Uma boa vestimenta é essencial para ser reconhecida.	Tão importante quanto qualquer outra parte da produção.	É um complemento, não é ponto-chave.
4	Sim, mas não empresta peças novas ou diferenciadas, apenas básicas.	Não empresta.	Empresta, mas só para pessoas próximas. Divide algumas coisas com o namorado.	Empresta roupas e perucas para amigas e filhas. Se ajudam bastante.

5	Depende, se for alguma montagem marcante demora para repetir. Roupas básicas sempre repete.	Repete, mas modificando o modo de utilizar.	Repete bastante, pois é caro. Tenta usar as peças em outro contexto.	Sempre repete. Talvez desvalorize, mas drag é caro.
6	Boneca e andrógina.	<i>Top-drag.</i>	<i>Club Kid.</i>	Nenhum.
7	Já se inspirou na Adore Delano (personalidade), Kim Chi (maquiagem), Pearl (tudo).	O nome é inspirado na drag do programa Manila Luzon.	Nunca se inspirou. As inspirações vem da moda, artes, música e drags brasileiras.	Se inspirava na Raja, hoje busca inspiração em drags brasileiras.
8	Calcinha com enchimento no bumbum.	<i>Padding</i> (quadril) e peitos de água.	Não usa.	Cinta/corset para afinar a cintura.
9	Reação do público onde toca é muito positiva.	Nota muito os olhares das pessoas.	As pessoas olham muito na rua, causa curiosidade, estranhamento.	Acha a reação das pessoas engraçada, sempre olham "torto".
10	É ter um trabalho que eu amo fazer.	Libertação e expressão. Expressar o amor que se tem pela arte e recebê-lo de volta do público.	Pegas as imposições da sociedade e bagunçar tudo, as transformando em uma armadura para lutar contra isso. Drag é resistência.	Liberdade. Ajudou na aceitação do corpo, na luta contra a bulimia e a fluir mais a criatividade. Porta de escape.

Fonte: tabela desenvolvida pelo autor (2017).

3. MONTAR-SE: O QUE É SER UMA *DRAG QUEEN*

Acredita-se que a expressão *drag* surgiu ainda nos tempos de William Shakespeare para denominar atores que se vestiam de mulher para interpretar figuras femininas nas peças, por falta de atrizes.⁶ *Drag*, então, é uma contração da expressão “*dressed as a girl*” (vestida como uma menina, em tradução livre).

A arte *drag* era considerada uma cultura underground, pois estava fora dos olhos da mídia e do público em geral. Até que nos anos 1990 surgiu a “*supermodel of the world*”, RuPaul (Figura 1). Ela já era bastante conhecida no meio LGBTQ desde os anos 1980, até que foi chamada para dançar no vídeo clipe da música “*Love Shack*”, da banda de rock *new wave* The B-52s, onde fez a arte *drag* alcançar visibilidade nacional nos Estados Unidos.

A partir daí a fama de RuPaul só cresceu. Em 1993, ela lançou sua carreira de cantora com o primeiro single “*Supermodel (You Better Work)*”, que conquistou sucesso internacional. Ela foi convidada para participar de programas de TV, estrelou uma campanha da marca de cosméticos M.A.C., já teve seu próprio *talk-show* na emissora americana VH1 e foi amiga pessoal de Kurt Cobain.

Figura 1 - Duas pessoas em uma: a *drag* RuPaul e o empresário RuPaul Charles.



Fonte: <https://www.gaystarnews.com/article/rupauls-drag-race-getting-two-new-online-spin-offs>
(Acesso em 05 de dezembro de 2017)

⁶ Essa história é citada no terceiro episódio da sétima temporada do *reality show* *RuPaul's Drag Race*, chamado “*ShakesQueer*” (2015).

Em 2009, RuPaul lançou o *reality show RuPaul's Drag Race*, onde ele procura a próxima *drag superstar* dos Estados Unidos. O programa foi exibido pela emissora VH1 no Brasil até a quarta temporada, mas apenas ganhou maior popularidade no país em 2013, quando entrou no catálogo do serviço de *streaming Netflix*.

RuPaul apostou em um formato inovador na concepção do seu *reality show*, pois desmitificou a figura das *drag queens*, mostrando os homens que se encontram por trás delas, destacando suas histórias de vida e personalidades, tornando pública a vulnerabilidade do artista. Foi isso que potencializou o crescimento da aceitação da arte *drag* e a conquista de novos públicos, até mesmo fora da comunidade LGBTQ.

O sucesso do reality de RuPaul é inegável. Em 2018, o programa estreará duas novas edições, somando treze no total, sendo três delas pertencentes ao *spin-off RuPaul's Drag Race All Stars*, onde *drag queens* que já participaram de temporadas anteriores voltam para competir por um espaço na “*drag race hall of fame*”, ao lado de RuPaul.

E as conquistas não foram exclusivas de RuPaul, que já ganhou dois Emmys por conta do seu *reality show*. O programa criado por ele se transformou em uma plataforma para artistas de todos os tipos mostrarem a arte *drag* ao mundo. Com isso, as competidoras cativaram uma grande quantidade de fãs pelo mundo todo, o que as permitiu viajar o mundo inteiro para fazer shows, diferente de antes, onde a maioria delas só se apresentava dentro dos Estados Unidos. Algumas delas seguiram os passos de RuPaul, lançando músicas e outros produtos de *merchandising*, outras se aventuraram no mundo da moda e até no circense, tudo isso em decorrência da visibilidade internacional que o *reality* deu à sua arte.

E nem só as *drags* que venceram suas temporadas e receberam o título de “*America's Next Drag Superstar*” conseguiram permanecer em evidência. Quatro ex-participantes do programa figuram na lista das dez *drag queens* mais ricas do mundo, desenvolvida pelo jornalista James Treacher, do site WhatCulture.com⁷, onde apenas uma delas venceu uma edição do programa: Sharon Needles, a ganhadora da quarta temporada. As outras três, Adore Delano, Courtney Act e Willam Belli mantêm uma carreira sólida na música, sendo as duas últimas também garotas-propaganda da marca de roupas estaduniense *American Apparel*.

⁷ <http://whatculture.com/celebs/10-richest-drag-queens-in-the-world> (Acesso em 29 de outubro de 2017).

A maior visibilidade da comunidade não foi a única consequência trazida pelo show: ele inspirou vários jovens ao redor do mundo a aderir à arte do *female impersonation*⁸. Essa nova geração é mais ousada porque busca sempre quebrar paradigmas, como o uso da calça em “*looks*”, o que é muito criticado por gerações anteriores. Por isso, a roupa tem um novo significado para eles.

Trazendo essa análise para a realidade da cena *drag* brasileira, a cantora Pablllo Vittar é o maior exemplo de sucesso que se pode citar. Nordestino e de família humilde, Phabullo Rodrigues da Silva surgiu na Internet em 2015 com a música *Open Bar*, um cover estilizado, com letra em português e batidas típicas brasileiras, da música *Lean On*, do trio de DJs *Major Lazer*.

O produtor e DJ americano Diplo, que está à frente do grupo, é há muito tempo um amante declarado da cultura brasileira. Anteriormente, ele já trabalhou com MCs brasileiros, como Deize Tigrone⁹, e na produção do álbum *debut* da Banda UÓ¹⁰. Quando ele ouviu o cover de Pablllo, mandou uma mensagem na rede social *Twitter* para a cantora dizendo que "amou a versão samba da música *Lean On*"¹¹.

Em 2017, *Vai Passar Mal*, seu primeiro álbum de estúdio, foi lançado onde uma das músicas foi produzida por Diplo. Com o CD lançado, veio o single *Todo Dia*, um funk com letra feminista em parceria com o *rapper* Rico Dalassam, que foi um sucesso no Brasil inteiro, com seu maior ápice no carnaval.

Desde então, a popularidade de Pablllo Vittar começou a crescer rapidamente. Depois de *K.O.*, seu segundo single de sucesso, a *drag* se uniu com a cantora Anitta e novamente com Diplo, do *Major Lazer* (Figura 2), para a música *Sua Cara*.

O lançamento do videoclipe da música foi mais um ponto de mudanças para a carreira da cantora: uma semana após o vídeo ir ao ar na plataforma online de vídeos *YouTube*, Pablllo Vittar se tornou a *drag queen* mais seguida do mundo na rede social *Instagram*, com atuais 5,6 milhões de seguidores, ultrapassando a antiga dona do posto, RuPaul, atualmente com 1,7 milhões.

⁸ “Imitador feminino”, em tradução livre. Outro termo utilizado para se referir às *drag queens*.

⁹ Depois de usar um sample da música Injeção de Deize Tigrone na faixa Bucky Done Gun da rapper tãmil M.I.A., Diplo produziu uma música junto com a MC brasileira. Bandida - Diplo feat. Deize Tigrone: <https://www.youtube.com/watch?v=axSRYio9Lvo> (Acesso em 5 de dezembro de 2017).

¹⁰ Gringo, música da Banda UÓ produzida por Diplo. <https://www.youtube.com/watch?v=LH2uyBWsuqh> (Acesso em 5 de dezembro de 2017).

¹¹ <https://twitter.com/diplo/status/652195434098728960> (Acesso em 5 de dezembro de 2017).

Figura 2 - Da esquerda para a direita: Pablo Vittar, Anitta e Diplo.



Fonte: <https://twitter.com/papelpop/status/864304403926437888>
(Acesso em 05 de dezembro de 2017)

Podemos apontar como o início da abordagem acadêmica das performances de feminilidade em Fortaleza o trabalho de Vale (2005), que documenta a trajetória de travestis e transtêneros em busca de um espaço de aceitação e todas as situações que permearam esse caminho, como as modificações corporais, a miséria, a marginalização e a prostituição.

Após essa análise da travestilidade proposta por Vale (2005), Coelho (2009) se propõe a explorar as performances de travestis, transsexuais e *drag queens* na boate Divine. Ela analisa essas performances e faz um estudo etnográfico do local.

Ambos os autores trazem para a academia com seus textos o questionamento do binarismo masculino-feminino, em duas abordagens diferentes. O presente trabalho busca dar continuidade a esses questionamentos, agora sob uma nova ótica, estudando a vestimenta e o corpo que essas *performers* criam ao se montar.

Entender a relação *drag*-roupa-corpo é, assim, um meio de observar que o sistema de moda também funciona dentro de grupos restritos (comunidade *drag*) e não só na sociedade como um todo. Percebem-se isso desde situações de imitação, explicadas pela sociologia de Simmel (1991), até o aparecimento de tendências entre as *drag queens*, não só na vestimenta, mas também na maquiagem e nos acessórios.

Dentre as quatro artistas entrevistadas nessa pesquisa, ser *drag queen* é uma escolha feita por elas por diferentes motivações.

Pra mim, ser *drag* é você pegar todas essas coisas que a sociedade impõe na gente, questões de gênero, preconceitos, todas essas coisas ruins e você misturar tudo, bagunçar tudo e disso você faz uma armadura (...) maravilhosa, toda belíssima no glitter, pra poder lutar contra isso. Pra mim, *drag* é resistência. (Yummy Kitsune, 22 anos. Entrevistada em 30 de dezembro de 2017)

Ser *drag queen* pra mim é liberdade. Minha *drag* me ajudou muito na questão da aceitação do meu corpo, já que sofro com a bulimia. Ajudou a fluir minha criatividade, a aprender novas coisas, ser uma pessoa diferente, abriu minha mente... Minha *drag* é minha libertação, minha porta de escape. (Jessy Wolf, 24 anos. Entrevistada em 03 de dezembro de 2017)

Pra mim *drag queen* é uma libertação. Hoje em dia, a forma que nós gays, nós *drags*, nós ser humanos, lutamos contra o preconceito é fazendo o bem, é fazendo com amor e retribuindo o ódio com amor. (...) *Drag queen* é liberdade de expressão, é expressar o amor que você tem pela arte e esse amor ser retribuído a você em forma de carinho e compreensão, do público, das pessoas, enfim. (Manylla Ryellon, 25 anos. Entrevistado em 03 de dezembro de 2017)

Mesmo com as inúmeras dificuldades que elas encontram pelo percurso, como falta de recursos, desvalorização da arte e preconceitos, o "ser drag queen" é especial para cada uma. Seja militância, aceitação do corpo ou liberdade, a arte drag é traduzida na vida dessas *performers* de diferentes modos.

3.1 O papel da roupa no processo de montagem

Dentro da academia, as discussões sobre gênero *versus* sexo já vêm sendo desenvolvidas desde Beauvoir (1991) e Butler (2012), que colocam a sociedade como principal responsável pela formação da identidade de cada indivíduo, não excluindo os fatores biológicos, mas realçando a importância do fator social nesse processo. Louro (2013) exemplifica como se dá essa construção, através de papéis masculinos e femininos.

Papeis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrarias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (ou inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (LOURO, 2013, p. 28)

Sendo a roupa um dos pontos observados pela sociedade como definidor de papéis masculinos ou femininos, podemos notar vários momentos durante a história do vestuário em que as sociedades da época aceitaram homens com características que são tradicionalmente vistas como femininas, e vice-versa. Braga (2007), por exemplo, cita o uso

de espartilhos por homens na Creta de 1600 a.C. e a aceitação do uso de calça por mulheres em 1914, considerada um processo de emancipação feminina (idem, 2015).

As *drag queens* constroem uma nova persona ao se montarem, utilizando-se de diversos signos que as ajudam na expressão de sua personagem para o mundo. Dentre esses signos, estão as roupas. Elas carregam em si uma série de significados atrelados à beleza, à juventude, à feminilidade ou masculinidade, à riqueza e distinção social ou à marginalidade, à alegria ou tristeza (SANT'ANNA, 2014). Sendo assim, sua utilização obriga o indivíduo a posicionar esses significados que ele deseja passar perante a uma sociedade e a sua cultura.

Por isso, é por meio do vestuário que as *drags* mais se expressam. Durante as entrevistas, todas concordaram que a roupa é parte significativa dentro da montagem. A roupa não só traduz a essência da personagem, como também comunica o conceito pensado pela *drag* no momento de seu planejamento.

Se você olhar para uma *drag* e ela tiver com uma maquiagem bonita, cabelo bonito, mas ela tiver malvestida, vai ficar uma coisa incompleta. (Manylla Ryellon, 25 anos. Entrevistado em 03 de dezembro de 2017)

O processo de escolher a roupa dentro da montagem varia de acordo com cada *drag*. Para Manylla, o mais importante é a visão do seu público.

Eu começo a pensar minha montagem a partir do meu público, o que o público da festa tá esperando do meu show. Eu procuro ver o que meu público pede, o que meu público gosta de ver eu fazendo. (Manylla Ryellon, 25 anos. Entrevistado em 03 de dezembro de 2017)

Jessy e Yummy começam pesquisando inspirações e referências para, depois, definir o *look* e a maquiagem.

Eu faço todo um trabalho de pesquisa, na verdade. Busco muita inspiração e, a partir das pesquisas que eu faço, vou começar a pensar na montagem toda em si. (Jessy Wolf, 24 anos. Entrevistada em 03 de dezembro de 2017)

Eu vou definindo o que que eu quero com aquela montagem. A estética que eu quero, o conceito que eu quero.... Depois que eu defino o que eu quero, eu vou começando a buscar as referências e definindo o look. A maquiagem eu busco algumas referências também, mas é mais aquela coisa na hora, na hora vai saindo (...) Bem livre mesmo. (Yummy Kitsune, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

Já para Charlotte, o mais importante para definir sua montagem é o local que ela vai e, depois disso, se sentir confortável na roupa que ela escolher.

A primeira coisa que eu penso é o look. Tipo assim, penso no lugar que eu vou e como eu vou me sentir confortável com aquela roupa naquele lugar. (Charlotte Killz, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

Sobre a importância da roupa dentro da montagem, apenas a *drag* Jessy discorda que a roupa seja a parte mais importante da montagem, mesmo reconhecendo que ela é muito importante.

Acho que a vestimenta é um complemento... É importante, claro, mas não acho que seja o ponto-chave. (Jessy Wolf, 24 anos. Entrevistada em 03 de dezembro de 2017)

Jessy considera que a montagem é como um "quebra-cabeça", onde a vestimenta é apenas uma das peças que a compõe. Assim, o resultado final é o que importa, na sua opinião.

Sempre procuro pensar primeiro na roupa, pra depois montar a maquiagem baseado nela. É como um quebra-cabeça, entende? (Jessy Wolf, 24 anos. Entrevistada em 03 de dezembro de 2017)

Manylla, Yummy e Charlotte afirmaram a importância da vestimenta dentro do processo da montagem.

Pra você ser reconhecida como *drag queen* eu acho que você tem que ter uma boa vestimenta sim! (Manylla Ryellon, 25 anos. Entrevistado em 03 de dezembro de 2017)

Eu acho que o look é tão importante quanto a maquiagem, quanto qualquer outra parte da produção. Ela faz parte do conjunto. (Yummy Kitsune, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

Eu acho que é importante sim, não só com as *drags*, mas também com as pessoas. A roupa que você veste diz quem você é, né? As pessoas vão te interpretar por aquilo que você tá vestido, pela forma que você se apresenta, né? (Charlotte Killz, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

Assim, se confirma a responsabilidade que a roupa tem, dentro da montagem, de ser uma maneira eficaz de transmitir o conceito e as referências que a *drag* que a veste quer passar para o público. Referenciando a fala da Manylla acima, se, por exemplo, uma *drag* estiver feito uma maquiagem referenciando uma sereia, mas não tiver utilizando uma roupa que condiz com a maquiagem, a mensagem se perde e não é passada. Se a situação fosse invertida, seria bem mais fácil entender o conceito da sereia com uma maquiagem errada, se a roupa estivesse certa.

3.2. A diversificação por meio de trocas e empréstimos

Simmel (1991) nos seus estudos sobre sociologia da moda cita a imitação como processo de facilitação do indivíduo a assimilar-se em meio a um grupo. Esse sistema é observado na prática dos empréstimos de roupas entre as *drag queens* de Fortaleza.

Os percursos que essas peças fazem podem ser associados aos roubos e o comércio de roupas usadas em Paris no século XVII, estudados por Roche (2007). A sociedade dessa época específica se diferenciava economicamente por meio de sua vestimenta: os mais ricos sempre estavam bem vestidos e utilizando cores, enquanto sobrava aos pobres as peças surradas e sujas, já que eles não tinham recursos para fazer sua troca com a mesma frequência dos mais abastados financeiramente.

Dentro desse cenário, os furtos eram entendidos como um ato de reconquista. A roupa “antiga” que já não serve mais para quem a adquiriu não deve ficar presa dentro de um guarda-roupa, pois ela pode servir para outro indivíduo. Essa rotatividade é observada dentro do comércio de roupas usadas, pois em uma época onde os ricos consumiam cada vez mais, a revenda dava aos pobres a possibilidade de obter algum proveito. (ROCHE, 2007).

O empréstimo de peças de roupa entre as *drag queens* também funciona como um sistema onde elas obtêm “algum proveito”. Durante as entrevistas realizadas para esse trabalho, algumas delas afirmaram que o motivo dos empréstimos e trocas ocorrerem é, principalmente, a desvalorização financeira do seu trabalho como *entertainer*. Mal pagas, elas não têm condições de adquirir com a frequência que desejam novos itens para os seus “armários *drag*”, tendo o compartilhamento como a única opção de atualizar seus *looks*.

As regras desse sistema não são pré-estabelecidas. Analisando as entrevistas realizadas, cada uma tem um regulamento específico. Uma dessas “regras” é somente fazer empréstimos para suas “filhas”¹² ou amigas.

Empresto pras minhas amigas e filhas... Tanto roupas, quanto perucas. A gente se ajuda muito! (Jessy Wolf, 24 anos. Entrevistada em 03 de dezembro de 2017)

Eu empresto pra quem é próximo de mim, pra quem eu tenho confiança e pra quem eu sei que também me emprestaria caso eu precise... Com os meus amigos eu peço bastante coisa emprestada. A gente faz bastante troca, tanto meus amigos que

¹² A “filha” é uma artista iniciante que as *drag queens* mais experientes “adotam” para ajuda-las a desenvolver sua arte, dando ajuda na escolha dos looks, ensinando técnicas de maquiagem e costura, dando dicas de performance, enfim, moldando e polindo essas *drags* iniciantes. Durante sua entrevista, Jessy citou ter em torno de 12 “filhas”.

fazem *drag*, quanto meus amigos que também fazem cosplay. (...) Tipo, meu namorado, que também faz *drag*, a gente se empresta bastante coisa. Nossas perucas é tipo... nossa! Não tem assim dividido: “essa peruca é minha, essa peruca é dele”. (...) Eu tenho que ter muita intimidade com a pessoa pra conseguir emprestar. Tenho que ter muita confiança na pessoa... porque, é meu trabalho, sabe? É aquela coisa muito suada, muito trabalho duro pra conseguir tudo. (Yummy Kitsune, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

Já a *drag queen* Charlotte Killz vê os empréstimos de outra maneira: ela cede apenas as suas peças básicas, como modo de preservar a identidade da sua personagem.

Depende muito da roupa, assim, tipo, se é uma roupa que eu acho que é muito minha cara, muito eu assim, eu não empresto. E também se a roupa for nova eu também não empresto. [risos] Mas de emprestar, tipo assim, eu empresto uma peça que todo mundo tem: uma saia preta, um short jeans, um *cropped*. (Charlotte Killz, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

A *drag* Manylla Ryellon foi a única das entrevistadas que afirmou não participar de trocas ou empréstimos. Sua justificativa é que esse tipo de prática prejudica a persona da artista.

Eu não empresto roupas, já tive sérios problemas em emprestar roupas, ou até mesmo alugar. Então eu não empresto, nem pego emprestado, nem alugo, porque eu acho que é essência você correr atrás daquilo que você quer. E, como o look compõe a *drag*, você tem que correr atrás do seu look. (...) Creio eu que uma *drag*, pra ela se sentir e ser intitulada como *drag*, ela tem que correr atrás daquilo que ela quer. Eu acho que empréstimo é uma coisa que deixa muito - como que eu posso falar? - acomodada! Entendeu? A pessoa acaba ficando acomodada em ter sempre aquilo ali, então ela não corre atrás do novo. (Manylla Ryellon, 25 anos. Entrevistado em 03 de dezembro de 2017)

Levando em conta os depoimentos apresentados acima, três das quatro *drag queens* entrevistadas temem que os empréstimos e as trocas possam causar prejuízos nas suas personagens. Isso mostra que, mesmo esse sistema servindo para que as artistas compartilhem algumas roupas, acessórios e perucas entre si, são as peças com mais personalidade e/ou montações mais complexas que marcam o estilo de cada uma delas. Esse processo contrário à imitação é também explicado por Simmel (1991). Segundo ele, a diferenciação aflora as tendências individualizantes e causa a emersão do singular em meio à universalidade.

4. OS ESTILOS DE DRAG: CLASSIFICANDO A MONTAÇÃO

Existem muitas expressões que tentam delimitar estéticas *drags*, mesmo Vencato (2002) afirmando que essas fronteiras de definição são muito frágeis. Ela desenvolveu uma tabela que aponta e descreve quatro estilos¹³ principais: as bonecas, as *top-drags*, as caricatas e as andróginas. As descrições de cada estética ou estilo de *drag* a seguir foram desenvolvidas por meio da junção de informações dessa tabela (abaixo) com uma matéria encontrada no site LGBTQ "*Queerty*"¹⁴.

Tabela 2 - estilos de drag

Estilo	Definições
Top-drags	Têm postura bastante feminina, interagem com a moda, têm a obrigação de estar bonitas e sexy, devem se parecer um pouco com mulheres
Caricatas	Alegóricas, cômicas, engraçadas, exageradas.
Ciber-drags	Relativamente semelhantes às tops, mas com um estilo bem mais "futurista".
Andróginas ou go-go drags	Mais masculinas, sem pretensões de se aproximarem muito do feminino. Não se depilam, por vezes.
Bonecas	Como Isabelita dos Patins, que possui um personagem único e cujos movimentos lembram um pouco uma boneca.

Fonte: Vencato (2002).

As bonecas são também conhecidas como *fishy queens*, termo que tem origem do suposto odor forte de peixe que a genitália feminina emite. Essa expressão está entrando em desuso dentro do meio *drag* por conta do seu teor misógino. As artistas que se encaixam nesse estilo têm como objetivo parecer o máximo possível com "mulheres reais", usando maquiagem mais leve, corset e enchimentos para garantir um corpo extremamente feminino,

¹³ Sobre os estilos de drag, Vencato (2005) diz: "é através de como se montam, não em termos instrumentais apenas, mas principalmente em termos expressivos – o produto final da montaria – que podem ser classificadas enquanto pertencentes a um ou outro estilo. É a montaria, mas não apenas ela, que parece dar os parâmetros para uma classificação – realizada primeiramente dentro do próprio grupo e depois levada ao público"

¹⁴ "*The 11 Most Common Drag Queen Styles*", escrita por Paige Turner, para o site Queerty. <https://www.queerty.com/11-common-drag-queen-styles-20140603> (Acesso em 19 de novembro de 2017)

conforme podemos perceber na figura 4, à esquerda. A maioria delas costuma criticar outros estilos de *drag* que não as representam.

As *top-drags* (Figura 7) tem esse nome porque passam uma imagem de top-model na sua montagem. Elas também são conhecidas na cultura americana como “*pageant queens*”, em tradução livre “*drags* de concurso”. Elas se enquadram nessa categoria por investirem muito tempo e dinheiro na busca pela perfeição em todas as etapas da sua montagem, principalmente roupa e maquiagem, elevando a estética das *fishy queens* a outro patamar. Elas participam de concursos de beleza *drag*, tal qual os concursos de miss, que escolhem representantes regionais e nacionais

O meu estilo é aquele que se encaixaria mais na *top-drag*, que no caso seria uma *drag* mais de concurso, uma *drag* de bate-cabelo, mais performática. (...) É a linha mais *drag* de show, né? Mais dançante. (Manylla Ryellon, 25 anos. Entrevistado em 03 de dezembro de 2017)

As *drags* caricatas seguem comumente o caminho da comédia, não só traduzido na sua personalidade irônica e ácida, mas também na maquiagem e nas roupas, que são bastante exageradas e influenciadas pela estética dos palhaços. A *drag queen* Bianca Del Rio (Figura 3), vencedora da sexta temporada de *RuPaul's Drag Race*, é uma das maiores representantes desse estilo em todo o mundo. As *drags* caricatas são conhecidas na cultura americana como *camp queens*, nome que faz alusão às tendas de circo, pelo fato da sua inspiração principal vir do universo circense.

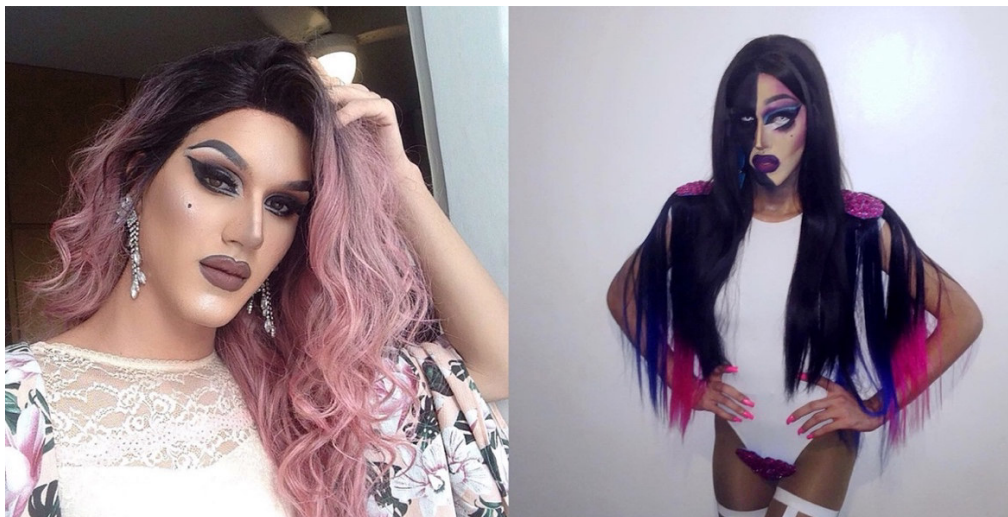
Figura 3 - A maquiagem exagerada, inspirada nos palhaços, de Bianca de Rio.



Fonte: <http://mytheatremates.com/blame-it-on-bianca-del-rio-in-liverpool/> (Acesso em 05 de dezembro de 2017).

As *drags* andróginas ou *genderfuck* (Figura 4, à direita) são mais artísticas e sempre estão desafiando os limites de gênero. Elas se utilizam da combinação de elementos considerados socialmente femininos e masculinos para criar um visual diferenciado das demais. Essas artistas procuram enfrentar as regras que outros estilos de *drag* criam e sempre buscam instigar seus espectadores a pensarem fora dos padrões.

Figura 4 - As duas faces da *drag queen* Charlotte Killz: boneca e andrógina.



Fonte: Arquivo pessoal de Charlotte (2017).

Algumas *drag queens* se identificam com mais de um tipo ou não se sentem acolhidas por nenhum desses padrões apresentados. Elas são descritas na mesma matéria citada anteriormente¹⁵ como fluidas ou híbridas (Figura 5). Elas costumam utilizar diversas inspirações retiradas de todos os estilos de *drag*, fazendo uma fusão de técnicas e estilos para criar seu visual e a sua personagem. Por isso, elas tendem a ser *performers* extremamente versáteis em questão de visual e presença de palco.

Eu não tenho um estilo definido, não. Depende muito de como vou estar, do meu humor... Sempre deixo a criatividade me levar. (Jessy Wolf, 24 anos. Entrevistada em 03 de dezembro de 2017)

Eu me encaixo no boneca e no andrógina. Porque tipo, no boneca, eu me sinto bem, feminina. Me acho mais bonita também, fazer uma coisa mais feminina, e eu acho que é mais social também. Não que *drag* tenha que ser social, mas eu me sinto bem sendo mais social. E no andrógina também porque às vezes me bate uma vontade de fazer uma coisa mais artística... sair sem sobrancelha, fazer um contorno diferente, uma pintura no rosto, sair mais... "*dragzona*". Bem estranha. Uma

¹⁵ <https://www.queerty.com/11-common-drag-queen-styles-20140603> (Acesso em 19 de novembro de 2017).

maquiagem mais artística. (Charlotte Killz, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

Dentre as entrevistadas, duas artistas se encaixaram nessa definição, Jessy e Charlotte. Enquanto uma não se sente abraçada por um estilo específico, a outra se acha uma junção de dois deles.

Figura 5 - A arte fluida e sem barreiras da *drag queen* Jessy Wolf.



Fonte: Arquivo pessoal de Jessy (2017).

Também há *drags* que se identificam com estilos mais *undergrounds*, como o movimento *club kids*, que nasceu nos Estados Unidos no fim dos anos 1980 e início dos anos 1990¹⁶. Michael Alig e James St. James foram os líderes desse grupo de jovens que frequentavam assiduamente diversos clubes noturnos de Nova York, se vestindo de maneira bizarra e fazendo uso excessivo de álcool e drogas pesadas¹⁷.

Eu sou *club kid*. Eu me identifico com o estilo *club kid*. E, foi assim, naturalmente. Acho que a medida que eu fui desenvolvendo minha personagem, fui criando minha personagem, eu fui percebendo que eu me identificava mais com essa coisa diferente, essa coisa “locona”, essa coisa mais fora dos padrões. Eu gosto mais dessa coisa mais artística, mais livre. Eu sempre fui assim uma pessoa mais “esquisitinha”. Eu sempre admirei muito artistas que fazem um trabalho fora da

¹⁶ “People between eighteen and thirty who participate with others like themselves in activities associated with urban nightlife that revolve around dance, alcohol, and drugs.” (Bennet e Peterson, 2004, p. 50)

¹⁷ A trajetória de Alig e St. James foi imortalizada no cinema pelo filme “Party Monster”. O nome faz alusão ao apelido de Michael Alig, que era *promoter* de festas, no período do nascimento do movimento *club kid*.

zona de conforto, que saem do padrão. (Yummy Kitsune, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

A estética única que os *club kids* desenvolveram serviu e ainda serve como inspiração para diversas *drag queens*. Yummy Kitsune, uma das entrevistadas, se declarou inspirada pelo movimento.

Figura 6 - O estilo excêntrico da *club kid* Yummy Kitsune.



Fonte: Projeto *The Drag Series* e arquivo pessoal de Yummy (2017).

Os estilos de *drag* segregam, mas também têm poder de aproximar. Do mesmo modo que *drag queens* que se sentem parte de um determinado estilo se juntam, se ajudam e trocam experiências, elas acabam assim excluindo aquelas que não se encaixam na sua categoria. A convivência com artistas de diferentes estilos poderia ser mais uma maneira de aprimorar e polir sua arte, pois elas estariam em contato com referências inéditas trazidas por elas, o que ajudaria a engrandecer seu repertório de moda, maquiagem, performance, etc.

4.1. Produzindo um novo corpo

O corpo por si só é considerado um espetáculo à parte. Envoltos de mistérios, histórias e lendas, ele foi ressignificado pelo ser humano durante a história, partindo de uma imagem de degradação, onde ele representava ameaça e despertava medo, dentro de uma construção religiosa do pecado e da condenação (Corbin, 2012), até Butler (2012), que

transforma o corpo em uma folha em branco, um palco para o indivíduo, onde ele passa uma mensagem clara por meio de cada escolha que faz com a finalidade de modificar seu “corpo natural”.

O corpo montado de uma *drag queen* é irreal. Não só porque ele pode ter asas como as de um dragão; possuir seios; ter chifres; seus olhos podem ser marrons, vermelhos, violetas ou de qualquer outra cor (GADELHA, 2007), mas também porque é considerado exagerado para os padrões heteronormativos (COELHO, 2009). Esse exagero é esculpido por meio de enchimentos, que são bastante utilizados na estética das *top-drag*s (Figura 7).

Figura 7 - A *top-drag* Manylla Ryellon.



Fonte: Arquivo pessoal de Manylla e projeto *The Drag Series* (2017).

Perrot (1984) afirma que não apenas roupas e acessórios fazem parte da transmutação de um corpo biológico num corpo social, mas também hábitos de higiene, uso de cosméticos e as modificações corporais, como apliques e próteses.

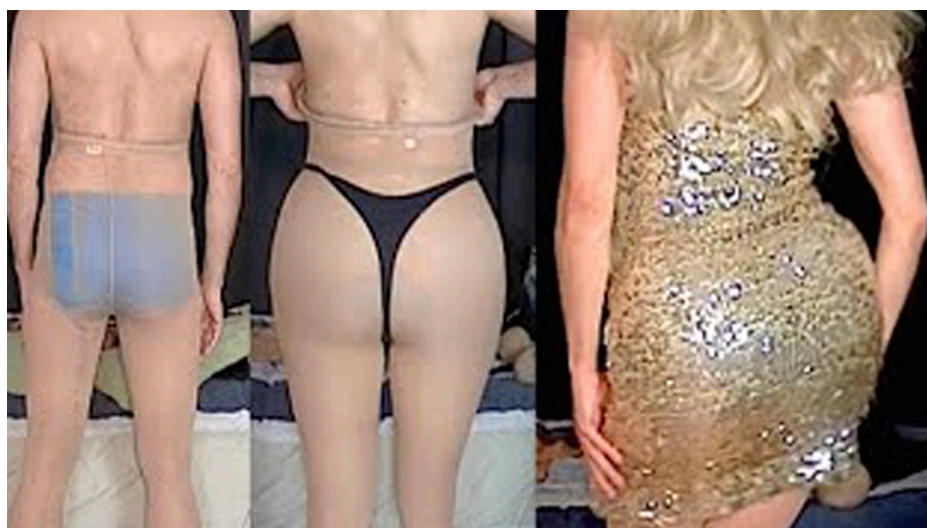
Afeminar um corpo masculinizado de natureza, adicionando espuma nos quadris e nádegas ou usando enchimentos ou próteses para criar a ilusão de seios, ajuda a garantir o caimento perfeito da roupa escolhida pela *drag queen*. Essas “próteses com duração temporal” (SANTOS, 2013) são aplicadas e modeladas com destreza até se chegar ao resultado desejado, seja ele natural ou extremamente exagerado.

Costumo usar só algumas vezes o *padding*, que no caso é os *pirellis* que a gente chama, que seria aquela parte do quadril, pra deixar o corpo mais encorpado, quadril mais largo, pra feminilizar um pouco mais. (...) E peito de água, que é um peito feito com meia-calça e umas águas, que a gente coloca dentro do sutiã e ele

fica parecendo um peito mesmo. Tem o mesmo movimento, mesmo formato, mesmo tamanho, essas coisas. (Manylla Ryellon, 25 anos. Entrevistado em 03 de dezembro de 2017)

Os "*padding's pirelli*" citados por Manylla são enchimentos temporários de espuma que são inseridos dentro de uma meia-calça, a fim de acentuar os quadris e nádegas no corpo da *drag queen*. "*Pirelli*" é um trocadilho com a fabricante italiana de pneus de mesmo nome (KULICK, 1998). A figura 8 (abaixo) mostra o processo de transformação do corpo utilizando esse artifício.

Figura 8 - Aplicação do *padding pirelli* no corpo.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9Mp7cxNT-A8> (Acesso em 15 de dezembro de 2017)

Além dos enchimentos, muitas *drag queens* ainda fazem a utilização de *corsets* para afinar a cintura e atingir o corpo feminino idealizado pela a maioria delas: seios avantajados, cintura fina e quadris proporcionais aos ombros.

Às vezes eu uso cinta/corset pra afinar a cintura e só (...) (Jessy Wolf, 24 anos. Entrevistada em 03 de dezembro de 2017)

Esse comportamento pode ser relacionado com a Belle Èpoque, onde as mulheres tinham a obrigação de suprir as expectativas de um corpo perfeito, criando a “cintura de vespa” com a utilização do espartilho, mal dissimulado instrumento de tortura (NOVAIS, 1998). As consequências do abuso do acessório mais desejado da época eram devastadoras: ele atrofiava as últimas costelas, sacrificava o baço, o fígado e os rins (idem, 1998).

Outro processo que faz parte da feminilização do corpo é o *tucking*, chamado no Brasil de trucar ou aquendar. Esse sacrifício doloroso fica restrito às *drag queens* que são homens, pois consiste em esconder os órgãos sexuais masculinos para que eles não fiquem marcados ou aparecendo no uso de roupas mais coladas (VENCATO, 2005).

Todas essas técnicas de construção de um novo corpo são vistas por Chidiac e Oltramari (2004) como uma explícita alternância de identidades, apropriando-se das características dos dois gêneros, de forma particular, de características femininas e masculinas. A teoria *queer* já adiantava que o gênero é uma construção social (BUTLER, 2012). De acordo com sua obra, não há binarismo, e sim a construção de um discurso social que, performados repetidamente, ganham teor de verdade. *Queer*, antes considerado um xingamento homofóbico, agora toma a frente do movimento LGBTQ como uma forma de combater a heteronormatividade.

A fabricação do corpo *drag* personifica o pensamento de Butler (2012) e desafia o senso comum imposto por uma sociedade tradicionalmente patriarcal. O corpo-performance das *drag queens* é diferente, estranho, incomum. Produzido com perfeição e adornado de signos conscientes e subliminares, ele é um corpo híbrido, que provoca e desafia quem o vê.

5. A CENA *DRAG* EM FORTALEZA

O objetivo geral desse estudo é compreender a importância que a vestimenta tem dentro de todo o processo de montagem das *drag queens* de Fortaleza. Os dados aqui apresentados foram obtidos através da realização de entrevistas pré-estruturadas com quatro *drag queens* diferentes. Três regras foram definidas para definir a amostra da pesquisa: tempo de montagem (de dois a quatro anos), a idade (22 a 25 anos) e por fim a localização (Fortaleza).

Para a realização das entrevistas pré-estruturadas, um guia de entrevista (apêndice A) foi montado, com perguntas bases que abrangeram todos os pontos propostos a serem estudados nessa pesquisa. Ele foi composto por dez questões, sendo a primeira com caráter de identificação e as outras nove abordando os seguintes objetivos específicos: entender o papel da vestimenta dentro do processo de montagem; analisar os efeitos causados pelo sistema de troca de peças entre as *drag queens*; definir a estética drag seguida pela entrevistada; explorar as questões ligadas ao processo de produção do corpo *drag*. No total, foram entrevistadas quatro drag queens, três delas do gênero masculino e uma do gênero feminino, no período de 30 de novembro de 2017 a 03 de dezembro de 2017.

Após a realização de todas as entrevistas, as respostas foram adicionadas de forma reduzida a uma tabela para que pudessem ser comparadas com maior facilidade. No decorrer da transcrição das entrevistas, foi solicitado a cada uma delas, via *internet*, a autorização para a reprodução nesse trabalho de algumas fotos presentes nos seus perfis na rede social *Instagram*.

A primeira pergunta tinha como objetivo apenas a identificação das entrevistadas. Duas dentre as quatro entrevistadas possuem 22 anos de idade, Charlotte e Yummy. Jessy tem 24 anos e Manylla, 25 anos. Sobre o tempo que cada uma se monta, Chalotte e Yummy são as mais experientes, com quatro anos de *drag* cada. Jessy e Yummy tem dois anos de montagem.

A segunda pergunta buscava entender qual é o ponto de início para se pensar uma montagem. Duas das quatro entrevistadas começam a pensar por questões alheias à vestimenta, enquanto a outra metade citou a vestimenta.

A terceira pergunta coloca em evidência a roupa dentro do processo da montagem. Questionadas sobre sua importância, Manylla, Charlotte e Yummy concordaram que a vestimenta é parte essencial dentro da montagem. Apenas Jessy citou a roupa como sendo um complemento, e não "ponto-chave".

A quarta pergunta tinha o propósito de entender como se dá o sistema de empréstimo e trocas de peças entre as *drag queens* entrevistadas. A maioria delas confirmou que cedem seus itens para outras artistas, porém cada uma segue regras diferentes. Yummy afirmou só emprestar seus objetos para pessoas que ela tem confiança e também disse dividir roupas e perucas com seu namorado, que também faz *drag*.

Charlotte revelou apenas emprestar peças básicas, que "todo mundo tem". Ela não empresta peças que façam parte de uma montagem completa, pois esses itens fazem parte da sua persona. Ela também não cede peças novas. Por fim, Jessy disse que ela e suas "filhas" se ajudam muito, e compartilham tanto roupas quanto perucas.

Manylla foi a única *drag* entrevistada que não empresta nada e também não pega itens emprestados. Ela alega ter tido muitos problemas no passado por conta de fazer empréstimos e, por isso, prefere não ceder mais nada.

A quinta pergunta busca entender como se dá a rotatividade das peças que compõem o armário de cada uma das entrevistadas. Mesmo a roupa sendo um instrumento de expressão, carregada de significados (SANT'ANNA, 2014, já citada no item 3.1.), as *drags* afirmaram sempre as repetirem em outras montagens, porém buscando sempre trazer um novo conceito atrelado a elas. Jessy e Yummy apontaram os altos custos dos materiais como o maior motivo da repetição ter que ser feita.

Depende muita da peça de roupa. Se for uma montagem completa, muito marcante, eu demoro pra repetir. Só repito assim, tipo, em ocasião especial, tipo uma festa muito grande. Daí eu repito aquela roupa, mas eu tento meio que deixar a montagem com outra cara. (Charlotte Killz, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

Eu repito roupa direto. Não me importo tanto com isso... Infelizmente *drag* é caro, e nem sempre dá pra fazer uma roupa diferente pra cada montagem. Talvez isso desvalorize um pouco, mas infelizmente a coisa é cara... (Jessy Wolf, 24 anos. Entrevistada em 03 de dezembro de 2017)

Eu repito bastante, bastante mesmo! Porque... o babado é caro, né? (...) Eu sempre pego essas peças de roupa e eu uso elas, assim, num contexto diferente, pra não ficar aquela coisa repetitiva, sabe? Pra sempre trazer algo novo pro público. (Yummy Kitsune, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

Na sexta pergunta, quatro estéticas *drag* principais foram apresentadas às entrevistadas para que elas escolhessem uma que se encaixassem mais: boneca, *top-drag*, caricata e andrógina, conforme já discutido no item 4. Apenas Manylla afirmou se encaixar

em somente um dos estilos apresentados, o *top-drag*. Ela recentemente foi coroada *Top-Drag* Norte Nordeste 2017¹⁸. Yummy também disse se identificar apenas com um estilo, porém um diferente dos que foram apresentados. Ela se considera uma *drag club kid*, conceito também já citado no item 4 dessa pesquisa.

Charlotte respondeu à pergunta se definindo como boneca e andrógina. Coelho (2009) discorre sobre um interessante acontecimento que foi ver Satyne Haddukan, uma das *drags* que ela estudou, participando do Miss Gay Ceará 2009 representando a cidade do Iguape, caracterizada de mulher rendeira.

Satyne era conhecida como a "camaleoa flúor", pois as suas montações eram mais no estilo *drag* andrógina. Porém, para o concurso, ela se vestiu fazendo um estilo mais "amapô"¹⁹ (COELHO, 2009). Assim, podemos observar que Satyne e Charlotte representam a estética fluida ou híbrida, onde várias referências de todos os estilos de *drag* são utilizadas na hora da montagem.

Jessy foi a única entrevistada que afirmou não se identificar com nenhuma estética *drag* apresentada, alegando deixar seu humor e criatividade a guiarem no processo da montagem. Essa definição também a encaixa na estética fluida, a mesma de Charlotte, porque ambas misturam inspirações de todos os estilos de *drag* para montar o seu próprio.

A sétima pergunta tinha como finalidade saber qual foi o impacto que o *reality show RuPaul's Drag Race* causa nas entrevistadas. Dentre as quatro, apenas Yummy disse não ter sido influenciada por nenhuma das participantes do programa, mesmo sendo uma telespectadora dele.

Nunca me identifiquei muito com nenhuma delas. Minhas inspirações vêm mais de drags brasileiras, algumas drags americanas também, principalmente da Nina Codorna, que é uma drag baiana incrível, que eu admiro pra caralho. Eu também busco mais inspirações em animes, em filmes, em clássicos, em algumas artistas, algumas cantoras.... Enfim, eu busco referências de todo canto, cada cantinho, assim, eu tiro um pedacinho pra Yummy. (Yummy Kitsune, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

¹⁸ O concurso Top-Drag Norte Nordeste ocorre anualmente em uma cidade diferente de uma das regiões e tem como objetivo coroar a melhor drag queen do Norte Nordeste. A edição de 2017 ocorreu no dia primeiro de novembro, na cidade de Teresina, capital do Piauí. Manylla Ryellon levou o título após uma apresentação com direito a troca de figurino e muito "bate cabelo". <http://www.portalonix.com.br/manylla-e-a-top-drag-nortenordeste-2017>. (Acesso em 07 de dezembro de 2017)

¹⁹ Expressão adotada por Coelho (2009) para se referir dentro do seu trabalho à estética *drag* boneca. Amapô, no pajubá, linguagem com influência africana utilizada no meio LGBTQ, significa "mulher".

Charlotte revelou já ter se inspirado na personalidade e na maquiagem de algumas das *drags* que competiram no programa.

Já me inspirei na Kim Chi, já me inspirei muito na Adore [Delano] também, no estilo dela, assim... Eu me via muito nela, na personalidade também. E da Kim Chi foi a maquiagem, que eu fiz uma vez metade do rosto preto e do outro lado eu fiz uma coisa mais extravagante. (...) Mas hoje em dia eu não me inspiro mais em nenhuma não... eu meio que sou eu, sabe? (Charlotte Killz, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

Jessy e Manylla disseram gostar das ex-participantes Raja Gemini e Manila Luzon, respectivamente. Inclusive, o nome artístico de Manylla Ryellon foi inspirado na outra Manila, que participou da terceira edição do programa.

A oitava pergunta buscou analisar os artifícios que cada uma das *drags* entrevistadas para "afeminar" o corpo. Como já tratado no item 4.1, as drag queens costumam utilizar "caricaturas de uma imagem feminina" (CHIDIAC E OLTRAMARI, 2004) na produção dos seus corpos.

As *drags* sempre possuem características femininas, mesmo que sejam consideradas caricaturas de uma imagem feminina. A apropriação que as mesmas fazem destas características é explicitada através de suas montarias e indumentárias, incluindo-se aqui aspectos como a maquiagem, as espumas que contornam os seios e os quadris, além de perucas e outros possíveis artifícios utilizados na composição de seus corpos femininos. (Chidiac e Oltramari, 2004, p. 475)

Essas "caricaturas de uma imagem feminina" podem ser referidas à história da moda. O uso de corsets para afinar a cintura remete ao ideal de corpo da Belle Époque (NOVAIS, 1997); já os enchimentos nos quadris remetem ao *pannier* do período Rococó.

Dentre as entrevistadas, apenas Yummy disse não usar nenhum dos métodos comumente praticados, preferindo deixar transparecer o aspecto masculino-feminino de sua persona.

Jessy, mesmo sendo do gênero feminino, não fica de fora dessa etapa. Ela se utiliza dos corsets e cintas para dar uma afinada extra na sua cintura. Já Charlotte usa, esporadicamente, calcinhas com enchimento no bumbum.

Por fim, Manylla afirmou que usa dois artifícios na sua *drag* para produzir o corpo dos sonhos. O primeiro é o *padding pirelli*, enchimento feito de espuma utilizado entre

a pele e a meia calça para aumentar o quadril. O segundo é o "peito de água", feito com meia-calça e metal. Nenhuma das três *drags* do gênero masculino citaram o *tucking*²⁰ como parte das suas técnicas de feminilização do corpo. As falas de cada uma sobre essa pergunta já foram trabalhadas no item 4.1 dessa mesma pesquisa.

A nona pergunta tem como objetivo compreender o entendimento das *drags* entrevistadas sobre as reações do público às suas montações.

A gente nota realmente a expressão das pessoas quando veem uma *drag*, quando me veem montado. (...) Eu gosto de chamar atenção das pessoas, do público. (Manylla Ryellon, 25 anos. Entrevistado em 03 de dezembro de 2017)

Muitas pessoas me param pra elogiar, falar alguma coisa. (...) Uma vez, em Quixadá, que eu fui tocar lá, daí assim que eu terminei de tocar uma menina veio falar comigo, chorando, toda alegre, ela tava chorando só que tava alegre, né. Me abraçando, disse que eu era maravilhosa. Disse que ela era lésbica, a mãe dela não aceitava ela e depois que ela me conheceu, me viu lá na festa, deu vontade dela viver, sabe? Eu até chorei nesse dia. (Charlotte Killz, 22 anos. Entrevistado em 30 de novembro de 2017)

A reação das pessoas é muito engraçada, principalmente quando ando de ônibus maquiada, tem gente que olha feio. Já teve vez de estar no terminal e ter um monte de evangélico olhando de cara feia [risos] Graças à Deus nunca passei por nada sério, só olhar torto mesmo. (Jessy Wolf, 24 anos. Entrevistada em 03 de dezembro de 2017)

Drag, apesar de ser uma coisa muito antiga no Brasil, ainda não se conhece muito. O que se conhece de drag é uma coisa mais estereotipada, uma visão mais limitada. (...) Acaba chamando bastante atenção do público principalmente se for uma drag que foge mais dessa coisa mais "garotinha". O estranho chama atenção, causa uma certa curiosidade na pessoa. (Yummy Kitsune, 22 anos. Entrevistada em 30 de dezembro de 2017)

Analisando as falas de cada uma das entrevistadas, podemos notar diversas reações do público, desde elogios até olhares de desaprovação. Apesar disso, nenhuma das entrevistadas afirma ter sido ser agredida verbal ou fisicamente enquanto montada.

A décima pergunta é a última da entrevista pré-estruturada e foi baseada na afirmação de Vencato (2002) que diz que uma *drag*, para existir, necessita de outras *drags*, de público, de pessoas que as contratem, de territórios a percorrer, de performances verbais e corporais. Entreter, se aceitas, militar e se libertar. As falas de cada uma das entrevistadas foram previamente trabalhadas no item 3.

²⁰ Ato de econdar os órgãos sexuais masculinos para que eles não fiquem marcados ou aparecendo no uso de roupas mais coladas, citado no item 4.1.

Levando em consideração todas as respostas dadas pelas informantes dessa pesquisa, vestimenta e corpo são, definitivamente, as principais influenciadoras do estilo de cada *drag*, até mesmo para Jessy, que alega não se encaixar em nenhum dos parâmetros apresentados. Se utilizando de elementos de diferentes tipos de *drag queen*, ela é considerada uma *drag* fluida.

Já a personagem dessas *drag queens* é uma reflexão de todos esses elementos. Manylla, que se considera uma *top-drag*, frequentemente se refere ao seu público como principal "combustível" para se montar. As *drag queens* de concurso são baseadas na performance de palco, no *lip sync*²¹, no "*bate cabelo*"²², então, naturalmente, é a resposta do público que a faz *drag queen*.

Charlotte também tem esse lado que se importa com o público, mas não tão forte, mesmo ela trabalhando na noite como DJ. Quando questionada sobre onde começa a pensar sua montagem, ela imediatamente respondeu que leva em consideração, primeiramente, o seu conforto, o que as *top-drags* acabam ignorando, por estarem sempre buscando surpreender mais ainda sua platéia a cada montagem.

Finalizando, podemos comprovar que é a forte ligação entre corpo, vestimenta e personagem que delimita o estilo de cada *drag*.

²¹ Performance realizada pelas *drag queens* que consiste em dublar músicas.

²² Como é conhecido o ato de balançar a cabeça em círculos durante a performance do *lip sync* para criar um efeito visual com a peruca.

CONCLUSÃO

Na medida em que o *reality show RuPaul's Drag Race* ganhava mais e mais público no Brasil, devido a sua adição no catálogo da plataforma de stream *Netflix*, não só ocorreu o reavivamento da arte drag no país, mas também pôde se observar um aumento significativo no número de novas *drag queens* por todo o Brasil. Por mais diferentes que sejam as motivações para começar a se montar, todas elas têm em comum a vontade de entreter o público que as procura.

Porém, se montar é muito mais do que *glamour* eterno. O processo de montagem é demorado, partindo da pesquisa de referências, passando pela escolha da roupa, maquiagem, "produção" do corpo, e maquiagem. Essa arte, que exige tempo e dinheiro, é muito mais do que o visual. O corpo em drag borra as barreiras de gênero que existem dentro do senso comum social, criando um novo indivíduo que é os dois gêneros e também nenhum, ao mesmo tempo.

Drag também é dor. Miss Fame, uma das participantes da sétima temporada do *reality*, canta na sua música "I Run The Runway" a seguinte frase: "pain is beauty if you want to to slay" (dor é beleza se você quer arrasar, em tradução livre). Essa afirmação fala a respeito dos processos utilizados pelas drag queens para feminilizar o corpo, como por exemplo o uso de corsets que afinam extremamente a cintura e a técnica de aquendar.

A "corrida das loucas" de RuPaul trouxe um novo repertório de referências que antes era desconhecido pelo seu público, por ser mais jovem. Contando com *drag queens* de diversos estilos, desmontadas elas compartilham histórias de amor, superação, LGBTQfobia e transtornos psicológicos, humanizando a visão de diva inalcançável que as drags podem passar. Já montadas, elas inspiram o público trazendo para a passarela do programa *looks* icônicos e performances inesquecíveis. E, no final, só a *drag* com mais carisma, singularidade, ousadia e talento leva a coroa de *America's Next Drag Superstar*.

Com essa plataforma, RuPaul deu a oportunidade de várias drag queens alcançarem visibilidade mundial, assim como ele. Ex-participantes do programa continuam fazendo sucesso como cantoras, atrizes, modelos e comediantes, viajando em tours ao redor do mundo inteiro. Já no Brasil, Pablio Vittar é o maior *case* de sucesso. A *drag*-cantora que surgiu na Internet em 2015, hoje é a drag queen mais seguida do Instagram no mundo, com 5,6 milhões de seguidores.

Diante da volta de toda essa popularidade ao entorno da arte drag, um estudo sobre as vestimentas das drag queens de Fortaleza foi proposto nessa pesquisa pois, mesmo

outros autores já tendo proposto estudos sobre *drag queen* na academia, nenhum deles levou em conta a roupa como protagonista da pesquisa.

A roupa é observada como parte fundamental para que a mensagem que a *drag queen* quer passar para sua plateia seja transmitida com sucesso. Por causa disso, algumas entrevistadas não emprestam suas roupas importantes e uma delas não empresta nem pede nada emprestado.

Além de passar uma mensagem, a vestimenta também faz a *drag queen* se encaixar em um estilo de drag. Boneca, andrógina, *top-drag* e até *club kid*, as entrevistadas afirmaram se encaixar em um desses padrões por conta de suas montações.

Produzir um corpo irreal é também um dos papéis das drags. Masculino e feminino se juntam num híbrido que causa estranhamento, mas curiosidade, ao mesmo tempo. Os enchimentos podem ou não fazer parte desse processo, porém alguns estilos de drag, como as *top-drags*, exigem o uso.

A partir das questões propostas nesse trabalho, abre-se uma oportunidade de se estudar outros desdobramentos acerca desse objeto, como a relação da maquiagem da *drag* com a vestimenta, o estudo mais profundidade de um dos estilos de drag apresentado nesse trabalho, o uso de cirurgias plásticas para "facilitar" o processo de montagem, dentre outros. Esses desdobramentos poderão ser desenvolvidos no futuro, como em artigos ou um trabalho de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 2v ISBN 8520903169

BENNETT, Andy; PETERSON, Richard A. (Ed.). **Music Scenes: Local, translocal and Virtual**. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=zrGa3vYOoZgC&pg=PA50&lpg=PA50&dq=People+between+eighteen+and+thirty+who+participate+with+others+like+themselves+in+activities+associated+with+urban+nightlife+that+revolve+around+dance,+alcohol,+and+drugs."&source=bl&ots=OVH-f-M5F5&sig=UX8sZIJJiyWT8emWygQHZgD4B1E&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiugpqG0PnXAhWHDZAKHawECREQ6AEIKjAA#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=zrGa3vYOoZgC&pg=PA50&lpg=PA50&dq=People+between+eighteen+and+thirty+who+participate+with+others+like+themselves+in+activities+associated+with+urban+nightlife+that+revolve+around+dance,+alcohol,+and+drugs.)>. Acesso em: 06 dez. 2017.

BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. 5. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Anhembi Morumbi, 2007. 111 p. (Coleção moda e comunicação). ISBN 8587370154 (broch.).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, Santa Catarina, v. 3, n. 9, p.471-478, 2004.

COELHO, Juliana Frota da Justa. **Bastidores e estreias: performers trans e boates gays "abalando" a cidade**. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desig-mofs, Ica, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-Jacques. **História do corpo**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 3 v. ISBN 9788532636256 (broch.).

GADELHA, José Juliano Barbosa. **Cartografias da Oralidade: a atuação drag queen em Fortaleza**. 2007. 100p. Monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

JATENE, Izabela da Silva. **Tribos urbanas em Belém: Drag queens – rainhas ou dragões?** Belém, 1996

KULICK, Don. **Travesti: sex, gender, and culture among Brazilian transgendered prostitutes**. Chicago: The University Of Chicago Press, 1998. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Bpz9e0esRfgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 dez. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista . 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 184 p. (Coleção Educação Pós-crítica. Educação pós-crítica). ISBN 9788532618627 (broch.).

NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997. 4v. (História da vida privada; v.3). ISBN 857164652X (broch.).

PERROT, Michelle MarseilleParis, Rivages, 1984; tradução inglesa: Writing Women's History. Oxford, Blackwell, 1992.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII - XVIII) . São Paulo: Senac São Paulo, 2007. 526 p. ISBN 9788573595369 (broch.).

RUPAUL'S Drag Race. Los Angeles: World Of Wonder, 2015. (45 min.), son.,color. Episódio 3, Temporada 7.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de moda**: sociedade, imagem e consumo . 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. 106 p. ISBN 9788560166183 (broch.).

TELES DOS SANTOS, Jocélio. "Incorrigíveis, afeminados, desenfreados": indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. *In: Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 1997, v. 40, n. 2. pp.145-82.

VENCATO, Anna Paula (2000). "**Olá, procurando diversão?**". A performance d@s drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Projeto de Pesquisa não-publicado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

VENCATO, Anna Paula. "**Fervendo com as drags**": corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina.. 2002. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2002.

VENCATO, Anna Paula. ENCONTRO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: FEMINISMO COMO POLÍTICA, 5., 2002, Santa Catarina. **Fora do armário, dentro do closet**: o camarim como espaço de transformação. Santa Catarina, 2005. 20 p.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O vôo da beleza**: travestilidade e devir minoritário . 2005. 307 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Fortaleza-CE, 2005. Disponível em: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/000035/0000358f.pdf>>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Guia para entrevista pré-estruturada:

- 1 - Nome, idade, nome artístico e a quanto tempo faz drag.
- 2 - Por onde você começa a pensar a sua montagem?
- 3 - Você acha que a vestimenta tem um papel importante na montagem?
- 4 - Você empresta as suas roupas para outras drags, ou pega roupas emprestadas delas? Como funciona esse sistema de empréstimos entre vocês?
- 5 - Você costuma repetir roupas utilizadas em outras montagens? Você acha a repetição prejudicial ou fortalecedora para a sua personagem?
- 6 - Em qual desses estilos de drag você mais se encaixa: boneca (feminina/fishy), top-dag (pageant/concurso), caricata (camp/comediante) ou andrógina (genderfuck/artística)? Porquê?
- 7 - Você se inspira ou já se inspirou em alguma drag queen de RuPaul's Drag Race para compor sua drag? Qual/quais? E de que forma: roupa, maquiagem, personalidade, etc.?
- 8 - Você utiliza artificios para feminilizar o seu corpo na sua montagem? Qual/quais e porquê?
- 9 - Você costuma notar a reação das pessoas quando você está montado? Fale um pouco sobre isso, se quiser pode citar alguma história específica que aconteceu enquanto você estava montado.
- 10 - Para você, o que é ser uma drag queen?